

O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO EM KARL JASPERS E SUAS RESSONÂNCIAS NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT: DA *PHILIA* PEDAGÓGICA À COMUNICABILIDADE ILIMITADA.

The concept of communication in Karl Jaspers and its resonances in Hannah Arendt's thought: from pedagogical philia to unlimited communicability.

Daiane Eccel¹

RESUMO

O presente artigo investiga o conceito de comunicação na obra de Karl Jaspers e suas ressonâncias no pensamento de Hannah Arendt a partir de uma relação pedagógica entre ambos e seus desdobramentos para uma amizade, que se estendeu ao longo da vida. Para tanto, será necessário analisar as considerações de Jaspers sobre o tema em dois momentos diferentes de sua obra e a posterior ressonância ativa destas considerações no pensamento de Arendt. Trata-se: 1) da parte relativa à comunicação no segundo volume de sua grande *Filosofia (Segundo volume: Iluminação da Existência)* onde consta a relação direta entre comunicação e existência e, 2) a ideia de comunicação ilimitada presente em *Origem e meta da História*, publicado em 1949. Pretendemos mostrar como segundo volume de *Filosofia* se revela nas obras arendtianas que lidam com a *vita activa* e tratam diretamente do espaço público enquanto lugar de pluralidade, aparência e discurso, bem como as obras finais da vida da autora que se ocupam da *vita contemplativa*, como é o caso específico de *A vida do espírito*. Além disso, tentaremos mostrar como o conceito de comunicação presente em *Origem e meta da História*, bem como seu cosmopolitismo como elemento importante para as considerações de Arendt sobre a faculdade de julgar.

Palavras-chave: Hannah Arendt; Karl Jaspers; comunicação; filosofia da educação; filosofia política.

ABSTRACT

This paper investigates the concept of communication by Karl Jaspers and its resonance by Hannah Arendt based on a pedagogical relationship between them and its unfolding into a lifelong friendship. To this, it will be necessary to analyze the two different moments in work of Jaspers and the subsequent active resonance of these considerations in the thought of Arendt. These are: 1) the section about communication in the second volume of his *Philosophy (Second volume: Enlightenment of Existence, 1932)* where there is a direct relation between communication and existence, and 2) the idea of unlimited communication present in *Origin and goal of History*, published in 1949. We intend to show how the *Enlightenment of Existence* reveals itself in Arendtian works that deal with *vita activa* and deal directly with public space as a place of plurality, appearance, and discourse, as well as the final works of the author's life that deal with *vita contemplativa*, as is the specific case of *The Life of the Mind*. Furthermore, we will try to show how the concept of communication present in *Origin and goal of History* and its cosmopolitanism is also important for the Arendtian considerations on the faculty of judging.

Key-words: Hannah Arendt; Karl Jaspers; communication; political of education; political philosophy.

¹ Doutorado em Filosofia pela UFSC (2015) com estágio de doutorado sanduíche na Eric Voegelins Bibliothek, na Friederich Alexander Universität em Erlangen/Nürnberg (2013-2014). Professora Adjunta na UFSC.

O que quer que eu pense deve se manter em comunicação com tudo o que já foi pensado.
Hannah Arendt

INTRODUÇÃO: O FILÓSOFO QUE SAI DA TORRE DE MARFIM E VAI À SALA DE AULA.

Desde os gregos antigos, as interações pedagógicas são fundadas sob a égide de uma relação amorosa. Platão ilustra o fato de maneira antológica em seu *Banquete* onde a figura de Sócrates, o mestre desejado pelos discípulos, não deixa dúvida sobre o poder sedutor que ronda a maestria. O *Alcebiades* atesta igualmente o fato.

Apesar do empobrecimento contemporâneo da interação entre professor e aluno reduzido ao campo da tutoria remota e endossado pela mercantilização da educação e virtualização desta, ainda se nota que a prática da maestria exercida em sala de aula constitui um tipo de relação amorosa entre aquele que conduz e aquele que confia na condução – a despeito da própria crise da autoridade e da própria crise na educação denunciadas por Arendt em diversos momentos em seu *Entre o passado e o futuro*. Tal *philia* pedagógica se ilustra nos primeiros anos escolares quando o professor exerce o papel de uma autoridade querida entre os pequenos, assim como na vida universitária, quando essa relação ganha outros contornos que consideram a autonomia dos estudantes jovens e adultos. Em ambas as situações, repleta de nuances e nem sempre permeada pela horizontalidade entre professores e alunos tão desejada em alguns discursos pedagógicos contemporâneos, dá-se o processo formativo do sujeito propriamente dito. Mediadas por instituições educacionais formais, um tipo de relação muito próxima se estabelece entre professor e aluno, mestre e discípulo, criança e adulto, jovem e maduro. Essa relação só se realiza de maneira efetiva quando, ao mesmo tempo em que se aproximam, professor e aluno se distanciam, permitindo que o aluno, sobretudo, crie seu próprio espaço, faça seu caminho, ainda que permaneça confiante na condução do seu professor.

Hannah Arendt, que enquanto jovem estudou grego, latim, teologia e filosofia com grandes mestres em Berlim, Marburg e Heidelberg e, na maturidade, tornou-se ela mesma professora em Nova Iorque e Chicago, experimentou tais vivências pedagógicas. Com Rudolf Bultman, o teólogo protestante, Arendt estudou e herdou parte de suas impressões sobre o Novo Testamento; de Martin Heidegger, sem dúvida, sua postura frente à atividade do pensamento. De Jaspers, impressionou-a a grandiosidade de *Psicologias das Visões de Mundo* e carregou consigo uma relação que se iniciou por intermédio de Heidegger, transformou-se em orientação de tese – caracterizada pela autonomia intelectual da jovem Arendt, que não acatara de imediato todas as sugestões de seu orientador – e tornou-se uma amizade que acompanharia Arendt até a morte de Jaspers em 1969. Há uma influência mútua entre os dois pensadores, que ativamente trocavam ideias e debatiam os principais temas de seu tempo.

É sabido que Arendt era quase totalmente alheia aos acontecimentos políticos em sua juventude e que o quadro político das décadas de trinta e quarenta a lançaram nas reflexões das quais ela nunca mais abriu mão e das quais Jaspers participara até o final da vida, seja encontrando-

se pessoalmente com sua antiga aluna nas visitas dela à Basileia por treze vezes, seja por meio da intensa troca epistolar iniciada em 1926, interrompida durante a imigração forçada de Arendt aos Estados Unidos e a imigração igualmente forçada de Jaspers à Suíça, quando ambos ficaram sem notícias recíprocas. É retomada em 1945 e segue até a morte de Jaspers em 1969.

A amizade nutrida entre Jaspers e Arendt, sobretudo nos anos pós-guerra foi gerada por meio de uma *philia* pedagógica, de um processo de encantamento pelas ideias e pela forma como Jaspers conduzia seus seminários em Heidelberg no final dos anos vinte do século passado, quando Arendt ocupava o lugar de sua aluna. O objetivo deste texto é olhar para esta relação entre antigo professor e antiga aluna, considerando aspectos biográficos de fundo, mas lançando luz sobre um conceito que se mostrou fundamental à filosofia jasperiana e apresenta ressonâncias no pensamento arendtiano: a comunicação. Para Jaspers, mais do que uma categoria filosófica entre tantas, a comunicação, que ganha meandros teóricos claros em sua filosofia, constituía sobretudo, uma postura com relação à própria filosofia e uma força pedagógica muito própria². Postura esta que faz com que Hannah Arendt o coloque no mesmo patamar que Kant, aquele que para ela se diferenciava da tradição, embora estivesse sempre dentro dela, porque enquanto filósofo era um “homem como vocês e eu, vivendo entre seus companheiros e não entre filósofos” (ARENDDT, 1994, p.31).

Para Jeane Hersch, “a comunicação é, no pensamento de Jaspers, uma noção tão central quanto a da existência, da qual, aliás, não pode ser separada” (HERSCH, 1978, p.23). Hannah Arendt certamente partilhava deste entendimento e isso se tornava cada vez mais claro em seus escritos tardios, sobretudo quando trata da terceira Crítica kantiana em suas *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, incorporado na última parte de seu *A vida do espírito* por decisão de sua amiga Mary M’Carthy. Quanto mais as *Lições* se encaminham para o fim, no total de treze, mais centralidade ganha o conceito de comunicabilidade como a possibilidade e condição necessária para a publicidade como critério fundamental da esfera pública. Ao discutir a preponderância do papel do espectador kantiano com relação ao julgamento do belo, Arendt afirma que “a condição *sine qua non* da existência de objetos belos é a comunicabilidade; o juízo do espectador cria espaços sem o qual nenhum desses objetos poderia aparecer” (ARENDDT, 1994, p.63).

Em seu livro *Hannah Arendt e Karl Jaspers: história de uma amizade singular*³, Ingeborg Gleichauf assinala para o fato de que Jaspers não hesita em tratar das questões relacionadas à comunicação. Arendt, por sua vez, evita ou ao menos é ponderada no uso da palavra. E ainda: enquanto Jaspers entende a comunicação como um elemento oriundo do *Ich* (eu), Arendt o vê como oriundo da pluralidade ela mesma. Ao longo de seu texto, no entanto, a própria Gleichauf

² A respeito da relação entre Karl Jaspers e Hannah Arendt, conferir a tese de doutoramento de Igor V. B. Nunes, “*In-Between*” – o mundo comum entre Hannah Arendt e Karl Jaspers: da existência política ao exemplo moral, defendida em 2018 na Unicamp. O autor já apontou, na ocasião, a importância da comunicação como aspecto pedagógico na relação de ambos.

³ GLEICHAUF, Ingeborg. *Hannah Arendt und Karl Jaspers: Geschichte einer einzigartigen Freundschaft*. Böhlau: Böhlau Verlag, 2021. Ainda sem tradução ao português. Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade.

mostra ao leitor como o conceito de comunicação ganha forma na teoria de Arendt e como essa eventual distância teórica vai se diluindo já que, nem Jaspers sucumbe ao mero subjetivismo da modernidade e nem Arendt dispensa a ideia de singularidade do sujeito no momento do concerto da ação no âmbito da pluralidade. Pluralidade e singularidade não são, em última instância opostos e não se eliminam no pensamento de Arendt, da mesma forma que o eu e o outro, o indivíduo e a comunidade são necessários mutuamente no pensamento de Jaspers. A comunicação, como deverá ser elucidado ao longo do texto, depende de tal complementariedade.

A fim de eleger o conceito de comunicação como central neste artigo, analisaremos as considerações de Jaspers sobre o tema em dois momentos diferentes de sua obra e a posterior ressonância ativa destas considerações no pensamento de Arendt. Trata-se: 1) da parte relativa à comunicação no segundo volume de sua grande *Filosofia (Segundo volume: Iluminação da Existência)* onde consta a relação direta entre comunicação e existência e, 2) a ideia de comunicação ilimitada presente em *Origem e meta da História*, publicado em 1949. Nossa hipótese neste artigo é que os elementos presentes nestes textos de Jaspers, que são respectivamente de 1932 e 1949 ressoam de forma fulcral em alguns escritos arendtianos posteriores. Pretendemos mostrar como segundo volume de *Filosofia* se revela nas obras arendtianas que lidam com a *vita activa* e tratam diretamente do espaço público enquanto lugar de pluralidade, aparência e discurso, bem como as obras finais da vida da autora que se ocupam da *vita contemplativa*, como é o caso específico de *A vida do espírito*. Além disso, tentaremos mostrar como o conceito de comunicação presente em *Origem e meta da História*, tem relevância sobre as considerações de Arendt sobre a faculdade de julgar.

A COMUNICAÇÃO NA OBRA DE 1932: ILUMINAÇÃO DA EXISTÊNCIA

A obra de Jaspers, *Filosofia*, dividida em três volumes, rompe com o hiato de grandes obras da carreira universitária do autor desde 1922. Quando ele a publica em 1932, Arendt já havia se mudado para Berlim e trabalhava no seu texto sobre Rahel Varnhagen. Ela já conhecia *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, publicado em 1927 e agora está novamente diante do vigor de uma obra sobre filosofia da existência. De fato, os três volumes – *Orientação no mundo*, *Esclarecimento da existência* e *Transcendência* – marcam profundamente o *corpus* jasperiano oferecendo ao leitor as noções mais básicas de sua *Filosofia da Existenz*. O conceito de comunicação ocupa parte do volume dois e reaparece, ainda que não diretamente referenciado ou citado em outros textos de Jaspers, como é o caso de *Origem e meta da História*, de 1949.

Ao comentar o segundo volume de *Filosofia*, *Esclarecimento da Existência*, Jeane Hersch destaca que Jaspers faz uso do termo “esclarecimento”, que também poderia ser traduzido como “iluminação” para distingui-lo da ideia de conhecimento da existência (1992, p.19). A respeito disso, Arendt afirma que “claridade” é a metáfora peculiar a Jaspers. Não se trata de um encadeamento lógico do sujeito que pretende conhecer sua própria existência. Disso Jaspers já havia tratado no primeiro tomo de *Filosofia (Orientação no mundo)* e concluiu que o ser-humano, ao tentar fazê-lo, malogra, pois encontra a realidade cindida por toda parte e se depara com aquele único que tem a

tarefa de esclarecer sua existência por outros meios, que não passam pelo processo de conhecimento da existência: “o pensamento opera com pseudo objetos, pretextos, que deverão desaparecer para deixar claro o sentido” (HERSCH, 1992, p.19). Importa agora, por outros métodos, ampliar as perspectivas da existência a caminho da liberdade. Embora isso possa parecer demasiado genérico, Jaspers justamente evita generalismos ou universalizações. O processo se dá no âmbito concreto e histórico do sujeito, ainda que o autor não sucumba à mera subjetividade da modernidade. Pelo contrário, Jaspers coloca-se ao lado de Heidegger com relação a este aspecto. O sujeito é aqui, ao invés daquele que compreende, aquele que adota determinada conduta de ação ou determinada postura não diante de sua existência, mas em sua existência. A clarificação da existência exige, antes de tudo, que se esteja concretamente nesta existência⁴.

A comunicação exerce um papel fundamental no processo da clarificação da existência, pois é por meio dela que se dá a diferença entre a mera compreensão e a verdade. Esta última só se realiza na comunicação com o outro e se revela nas conversas com o outro, no estar-com, nos textos e na própria historicidade. A comunicação é, por excelência, a forma como *Dasein*⁵ se relaciona com sua comunidade. Hersch afirma que talvez o conceito de comunicação seja um dos fundamentais na filosofia de Jaspers porque ao elucidá-lo, o autor explicita uma série de conceitos importantes da sua Filosofia da *Existenz*. A comunicação deve ser ela mesma *existencial* para efetivamente comunicar de forma verdadeira. Há, no entanto, uma comunicação não existencial, que não é falsa, que é igualmente concreta, mas que é insuficiente (*ungenüßig*). Sua insuficiência consiste no fato de se ocupar com particularidades e quando o *Dasein* se ocupa com isso, a comunicação se dirige apenas em uma direção. O *Dasein* não vivencia sua própria consciência, mas a consciência geral, por isso carece de autenticidade e da verdade que se encontra apenas na comunicação existencial. Na insuficiência da comunicação que não é existencial, o *Dasein* se dilui no meio do todo, já que se trata de um mero estar presente (bloßes *Dasein*). A linguagem da comunicação não existencial é objetificada e superficial (ainda que possa ser da ordem da ciência, por exemplo) e não é comprometida com a existência. Aqueles que se comunicam, o fazem enquanto generalidades e a singularidade não faz sentido neste tipo de comunicação.

O *Dasein* vivencia outros tipos de insuficiência por meio da comunicação, como é justamente o caso da insuficiência da comunicação consigo mesmo e com o outro. Aqui se encontra a rejeição jasperiana a todo tipo de solipsismo de ordem filosófica. Para o autor, ainda que haja um impulso de auto suficiência da parte do indivíduo, um impulso originário que induz a estar sozinho

⁴ Importa observar um aspecto fundamental na Filosofia da Existência de Jaspers que raramente é mencionado por Arendt e é, de forma geral, mal visto entre os filósofos contemporâneos: a questão da transcendência. Para Jaspers, a existência é atrelada à transcendência. Ela é capaz de conduzir o sujeito à liberdade dentro da própria existência. Embora a transcendência não seja passível de compreensão, ela não pode ser entendida como algo completamente extrínseco ou desvinculado da existência, ainda que por vezes, em Jaspers, ela é entendida como Deus. Tal Deus não se revela como nas religiões reveladas. A transcendência do ser é simplesmente vivenciada na existência passível. O tema é tratado no terceiro volume de Filosofia, intitulado *Transcendência*.

⁵ Optou-se por manter a forma no original.

comigo mesmo, há uma insuficiência de comunicação neste âmbito. Jaspers enfatiza que não é pelo fazer sozinho que o sujeito é. Há uma necessidade constante do outro: “Cada perda e cada falha na comunicação é como uma perda do ser. Ser é ser-com-o-outro, não somente pela presença, mas pela existência que, no tempo, não existe na estabilidade da própria autossuficiência, mas como processo e perigo” (JASPERS, 1932, p.58)

No entanto, como em Jaspers o fracasso e o malogro são formas privilegiadas para que se rume em direção à existência, no âmbito da comunicação acontece o mesmo: a insuficiência da comunicação não existencial é uma forma de abertura para o esclarecimento da comunicação (*Erbellung der Kommunikation*) e para a comunicação existencial. Segundo Jaspers: “A insuficiência da comunicação é, portanto, a origem de um salto (*Durchbruch*) rumo à existência e rumo a um filosofar que busca iluminá-la. Assim como todo filosofar começa com o espanto, o conhecimento do mundo, com a dúvida, a iluminação da existência começa com a experiência da insuficiência da comunicação” (JASPERS, 1932, p.55). A comunicação existencial é parte fundamental na existência porque se apresenta como uma necessidade da liberdade. É por ela que o caminho até a verdade se faz, já que não se trata mais de uma mera compreensão (*bloß Vestehbare*). A historicidade é condição fundamental para tal nível de comunicação e, mais do que isso, a singularidade é um elemento que a constitui porque aqui se deixa o terreno da validade geral e do impessoal. Não se trata de um tipo de linguagem objetificada que se realiza e morre nas relações mediadas pelas simples convenções sociais ou ainda pelas regras da ciência, por isso não pode ser reproduzida ou demonstrada. Segundo Jaspers: “na comunicação existencial, eu estou no jogo com todo meu ser e não somente com a minha presença (*Dasein*) (...)” (JASPERS, 1932, p.55).

O autor, no entanto, não adota uma perspectiva romantizada com relação a este tipo de comunicação, mas pelo contrário, assume que há uma angústia que a permeia: não se pode alcançar todos os homens pela comunicação e quando se tenta, a comunicação se degenera em superficialidade. No entanto, como há acontecera com a comunicação não existencial, é por meio dessa limitação da comunicação existencial, que se abre outra possibilidade absolutamente necessária: a clarificação da comunicação. Jaspers inicia afirmando: “contra a tendência à autossuficiência, contra a satisfação com o conhecimento da consciência generalizada, contra a vontade própria do indivíduo, contra o impulso da vida de se fechar em si mesma, contra o perder-se em uma tradição existente como formas habituais da vida, o filosofar quer iluminar a liberdade que se apodera do ser originalmente por meio do universalismo ou solipsismo do *Dasein*” (JASPERS, 1932, p.60-61). A tarefa da clarificação ou iluminação da existência é, no entanto, filosófica e da ordem da razão. Para tanto, o exercício de permanecer só consigo mesmo é necessário. A solidão⁶ é parte importante do processo de clarificação da comunicação, no entanto, é

⁶ No trabalho de Jaspers, o termo em alemão *Einsamkeit*, solidão, é próximo ao que Arendt chama de *solitude*. O autor é claro quando afirma que solidão não é o mesmo que um isolamento ou um distanciamento sob o ponto de vista sociológico. Quando tal distanciamento ocorre, de fato, a comunicação é esvaziada (JASPERS, 1932, p.61)

novamente insuficiente porque quando estou só comigo mesmo, não sou eu mesmo, já que para isso, necessito entrar em comunicação. Não é possível estar em comunicação sem que se seja eu mesmo, mas não é possível ser eu mesmo se não estou em comunicação. Em última instância só se conhece a solidão porque se está em comunicação. A argumentação que parece tautológica visa ressaltar os dois polos do Dasein e o processo que conduz à relatividade da verdade, que para Jaspers necessariamente é construída no interior de uma comunidade associada com os processos de clarificação da comunicação individual.

ARENDT: O DISCURSO COMO RESSONÂNCIA DA COMUNICAÇÃO E A PLURALIDADE COMO CRITÉRIO FUNDAMENTAL.

Quando, na introdução deste artigo, se defendeu a existência de ressonâncias do conceito de comunicação no pensamento de Hannah Arendt, não se defendeu nenhum tipo de apropriação do trabalho de Jaspers por Arendt, ou ainda de uma mera influência do antigo professor sobre sua antiga aluna. Diferente disso, optou-se aqui pelo uso do verbo “ressoar” como um sinônimo de ecoar. O conceito de comunicação de Jaspers ecoa, então, sobre algumas teses centrais do pensamento de Arendt quase como um eco de fundo, sem furtar sua originalidade, sem influenciar seus fundamentos e sem alterar substancialmente as verdadeiras motivações arendtianas, que estão sempre centradas em tentar compreender os fenômenos totalitários de seu tempo e suas consequências. Por outro lado, Arendt não se furta de tais ressonâncias. Portanto, não se defende aqui uma correspondência direta para o conceito de comunicação e menos ainda as consequências da ideia de comunicação no pensamento de Arendt. De acordo com isso, pretende-se olhar para dois momentos na escrita de Arendt: a parte relativa à ação em *A condição humana* e a o apelo à pluralidade, juntamente com a crítica ao solipsismo filosófico presente em alguns momentos em *A vida do espírito* e nas *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*.

Gleichauf afirma que, enquanto o conceito de comunicação é usado com frequência na filosofia de Jaspers, Arendt é econômica no uso do termo (GLEICHAUF, 2021, p.22). De fato, o conceito aparece poucas vezes nos escritos de Arendt. Nossa hipótese, no entanto, é que a ideia de comunicação ressoa claramente na ideia de discurso – elemento central na arquitetura da ação. O discurso certamente não é um diálogo⁷ e não se resume a dois interlocutores, mas ele efetivamente comunica e quem o faz, o agente, se revela, ou ainda “comunica a si próprio, não apenas comunica alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo” (ARENDT, 2010, p.220). O agente que comunica algo por meio das palavras não é atomizado, não pode ser anônimo, não é uma abstração. Necessariamente precisa se desvelar e, para tanto, requer a presença do outro e necessita “estar-com”. Embora o caráter do discurso de Arendt possa, eventualmente, ter menos

⁷ Na décima segunda lição sobre a Filosofia Política de Kant, ao tratar do *sensus communis*, Arendt identifica discurso com comunicação: “o *sensus communis* é o sentido especificamente humano, porque a comunicação, isto é, o discurso, depende dele” (1994, p.71)

peso existencial do que o conceito de comunicação em Jaspers, há para Arendt, um critério normativo para a efetividade do discurso que vai além do âmbito político:

Sem o desvelamento do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim, tal como a fabricação é um meio de produzir um objeto. Isso ocorre sempre que se perde o estar junto dos homens, isto é, quando as pessoas são meramente “pró” ou “contra” as outras, como acontece, por exemplo, na guerra moderna, quando os homens entram em ação e empregam meios violentos para alcançar determinados objetivos em proveito de seu lado e contra o inimigo. Nessas circunstâncias, que naturalmente sempre existiram, o discurso transforma-se, de fato, em “mera conversa”, apenas mais um meio de alcançar um fim, quer iludindo o inimigo, quer ofuscando a todo com propaganda. Nesse caso, as palavras nada revelam; o desvelamento advém exclusivamente do próprio feito, e esse feito, como todos os outros, não pode desvelar o “quem”, a identidade única e distinta do agente. (2010, p.225)

O desvelamento do agente, portanto, revela também um “eu” através do outro, na mesma medida em que engendra a ação⁸ e se dá um novo nascimento para o agente. O discurso, da mesma forma que a comunicação em Jaspers, precisa romper as barreiras de uma “mera conversa”. Isso aponta para uma teoria política de cunho existencial, que apenas se revela politicamente por meio de um critério: a comunicação com o outro, que aparece também na filosofia de Jaspers. Com relação a isso, no entanto, é preciso concordar com Ingeborg Gleichauf, quando afirma que a comunicação de Jaspers parte de dentro para fora – quase como um impulso comunicativo que vem do “eu”. Em Arendt, por outro lado, o discurso é externo e o centro da pluralidade.

O apelo para o estar-com presente nas teorias da comunicação de Jaspers ecoam nas obras de Arendt como a necessidade irremediável da pluralidade humana contra o fenômeno do isolamento – elemento já tratado na última parte de *Origens do Totalitarismo*. O fundamento concreto e empírico para o desenvolvimento do conceito de pluralidade no pensamento de Arendt certamente reside na resistência contra o que se põe nos regimes totalitários. No plano da filosofia, a legitimação do isolamento se revela na ideia de solipsismo que Arendt encontra na filosofia platônica. Arendt se coloca do lado oposto assumindo a posição do senso comum que se põe contra o isolamento do eu filosófico e contra a verdade cartesiana do cogito, como aparece em *A vida do espírito* e *Lições sobre a filosofia política de Kant*⁹.

No primeiro caso, a obra em que trata da dimensão contemplativa da vida, das atividades invisíveis do espírito – o pensar, o querer e o julgar – o apelo à pluralidade aparece diversas vezes, tanto na fenomenologia da aparência nas primeiras páginas, quanto no trato do conceito de pensar e do querer que ocupam o miolo do texto. A problemática do *sensus communis*, diretamente vinculada a Kant, surge na parte referente ao pensar, mas também naquela referente ao julgar acrescentada postumamente por Mary M’Carthy. Como se sabe, a última parte corresponde às treze lições de

⁸ A respeito do problema de como este “eu” junto com o “outro” torna-se verdadeiramente um “nós”, trataremos a seguir ao recorrer a argumentação presente em *A vida do espírito*, quando também aparecerá uma discordância de Arendt com a filosofia de Jaspers.

⁹ A problemática, como se sabe, é mais ampla e é uma constante no pensamento de Arendt assumindo várias facetas e se revelando em outros textos, como é o caso de *Verdade e política*, por exemplo.

sobre a filosofia política de Kant proferidas na New School em 1970, mas com versões anteriores datadas da década de sessenta. Kant figura, para Arendt, como uma exceção entre os filósofos que, ao longo da história do pensamento ocidental assumiram seu lugar de “filósofos profissionais”. O que precisamente nos interessa no conceito de senso comum ou *sensus communis* é que ele se opõe ao *sensus privatus*, na medida em que aparece como sinônimo de senso comunitário. Enquanto o *sensus privatus* é incomunicável, o outro apela para um senso de comunidade, que necessariamente apela à sua comunicabilidade. Na afirmação de Arendt a relação é evidente: “o *sensus communis* é o sentido especificamente humano porque a comunicação, isto é, o discurso, depende dele” (1994, p.71).

Neste sentido, comunicação e pluralidade parecem estabelecer um vínculo indissociável. No entanto, importa aqui retomar a argumentação de Gleichauf quando afirma que o conceito de comunicação em Arendt revela-se de fora para dentro e não ao contrário, como se dá em Jaspers. Ao tratar do problema da liberdade política *versus* liberdade filosófica, na parte relativa ao querer em *A vida do espírito*, Arendt afirma que não é possível alcançar um “nós”, que é o verdadeiro “plural da ação”, simplesmente “pela extensão deste eu-e-eu mesmo dual para um nós plural” (ARENDR, 2009, p.469). Ela se refere a Jaspers (junto com Martin Buber), apontando um equívoco em sua filosofia da comunicação: Jaspers prevê uma espécie de “ação interna” que ocorre na intimidade do diálogo através do qual, nas palavras de Arendt “‘apelo’ a mim mesmo ou ao ‘outro eu’” (ARENDR, 2009, p.469), como se isso conferisse garantia de verdade ao discurso. Em Jaspers, a intimidade do diálogo se revela comigo mesmo no movimento interno do eu (Ich) e também e em outras esferas íntimas, como o casamento, por exemplo. A comunicação se dá verdadeiramente entre dois e, embora se necessite o estar-com-os outros, o apelo à comunidade política não aparece de forma tão substancial quanto em Arendt, ainda que haja uma luta contra o solipsismo já presente no pensamento de Jaspers, como atesta sua Filosofia da *Existenz*.

O PRESENTE EM COMUNICAÇÃO COM O PASSADO: O CONCEITO DE ERA AXIAL E SUA COMUNICABILIDADE ILIMITADA.

Em 1949, Karl Jaspers publica sua obra a respeito da história, *Origem e meta da história*. O tema é central para o autor que funda uma Filosofia da História singular baseada na ideia de era axial ou tempo eixo (*Achsenzzeit*). Com a tese do tempo eixo, se inaugura uma tradição de pensamento que se estende até os dias atuais e vindo sendo retomada por alguns pensadores¹⁰. O cerne do seu esforço se baseia na tentativa de encontrar uma experiência fundadora em termos de História, que está para além do âmbito europeu e que não retenha exclusividade de uma única narrativa histórica, como é o caso do cristianismo, no Ocidente, por exemplo, que se apresenta com pretensão universal. Jaspers se opõe a Hegel para quem o nascimento de Cristo inaugura o tempo da História universal. Diferente disso, busca marcos históricos cujos efeitos abarquem várias civilizações. Ele o faz, então, considerando um eixo temporal que se estende do século VIII ao V a.

¹⁰ Para uma apreciação atual e completa do estado da arte, conferir livro de Jan Assmann, *Achsenzzeit: eine Archäologie der Moderne*, de 2018.

C, “que está, a princípio, certamente limitado no espaço, mas é historicamente universal” (JASPERS, 2017, p. 25) e que é descrito pelo próprio autor:

Neste tempo se concentram e coincidem uma multiplicidade de fatos extraordinários. Na China vivem Confúcio e Lao-tsé, surgem todas as direções da filosofia chinesa, meditam Mo-ti, Chuang-tsé, Lie-tsé e muitos outros. Na Índia surgem os Upanishads, vive Buda, se desenvolvem, como na China, todas as possíveis tendências filosóficas desde o ascetismo até o materialismo, a sofística e o niilismo. No Irã, Zaratustra ensina a excitante doutrina que apresenta o mundo como o combate entre o bem e o mal. Na Palestina surgem os profetas, desde Elías, seguido por Isaías e Jeremias até o Deutero... Na Grécia encontramos Homero, os filósofos - Parmênides, Heráclito, Platão - os trágicos Tucídides e Arquímedes. Tudo o que estes nomes indicam tem origem nestes séculos, quase ao mesmo tempo na China, na Índia, no Ocidente, sem que souberam uns dos outros (JASPERS, 2017, p.17)

Tal definição de tempo eixo carrega consigo um potencial comunicativo, uma comunicação ilimitada, da qual trata Jaspers, “uma profunda compreensão recíproca” entre as civilizações axiais, de tal forma que “quando se encontram se dão conta que estão envolvidos com a mesma questão. O contato entre eles, até então distante, produz um efeito mútuo” (JASPERS, 2017, p. 25). Trata-se de um passado que compartilha uma verdade em comum, ainda que com diferenças particulares e pratica uma comunicação existencial tal qual anunciada na obra de 1932. A passagem é repetida quando Jaspers trata do sentido do tempo eixo e da sua “exigência de uma ilimitada comunicação”, como segue:

Ver e compreender os outros ajuda a ver a si mesmo de forma clara, a superar a possível limitação de toda historicidade encerrada em si mesma, a saltar os amplos espaços. Este aventurar-se em uma comunicação ilimitada é e também o mistério da humanização do homem não no passado pré-histórico inacessível para nós, mas em nós mesmos. (JASPERS, 2017, p.43)

Para o autor, a comunicação entre os povos axiais e suas diferentes fontes espirituais é uma ferramenta eficaz contra a pretensão exclusivista de única verdade de fé, que pode ser fundamentalista e dogmática. Isso também é atestado pela própria Arendt em seu texto *Jaspers, cidadão do mundo?*: “abre-se à força e a couraça da autoridade tradicional, e os grandes conteúdos do passado são livre e ‘jocosamente’ postos em comunicação entre si, na experiência de se comunicarem com uma filosofar vivo presente” (ARENDDT, 2003, p.78). A comunicação ilimitada entre civilizações que efetivamente não se comunicaram enquanto civilizações (senão enquanto indivíduos), se dá no encontro e no âmbito das ideias acerca de elementos que são, ao mesmo tempo comum, mas manifestos de forma diferentes¹¹. É a respeito deste caráter cosmopolita da filosofia de Jaspers, que Arendt faz uso da expressão “cidadão do mundo”, ainda que a ponha em questão. Não se trata, no entanto, de um cidadão que assume o peso da responsabilidade pelo mundo e por um suposto governo mundial, que certamente seria malfadado. Isso acarretaria um

¹¹ A própria Arendt assinala tais elementos em seu texto: fundamentação das grandes religiões mundiais, conceito de um único Deus transcendente, aparecimento da filosofia em todas as civilizações, descobrimento do Ser, consciência da consciência, começo do pensar, surgimento de personalidades espiritualmente proeminentes em suas civilizações (ARENDDT, 2003, p.81)

peso insuportável sobre qualquer indivíduo, admite Arendt. Mas antes, se trata de Jaspers como cidadão do seu país, que é capaz de praticar a mentalidade alargada kantiana por meio de uma efetiva comunicação com o outro, com o diverso, mas a partir do seu lugar, ainda que abrindo mão das suas idiossincrasias e particularismos.

É também dessa forma que Jaspers pleiteia uma comunicação com o passado, o qual não deve ser entendido como autoridade absoluta, mas que se mantém em constante comunicação com tudo aquilo que nos é contemporâneo. Os próprios conteúdos do passado axial se comunicam mutuamente e é por meio do exercício de tal comunicação ilimitada que se chega à verdade: “é apenas na comunicação – entre contemporâneos e também entre vivos e mortos – que a verdade se revela” (ARENDDT, 2003, p.78). O conceito de comunicação é, para Arendt, um dos conceitos fundamentais da filosofia da *Existenz* de Jaspers. Ele ilumina a existência porque tal comunicação, no sentido existencial, é capaz de abrir mão de seu arcabouço dogmático e metafísico, assim como de suas verdades inalienáveis “para pôr-se em comunicação recíproca (...) e reter apenas o que é universalmente comunicável (ARENDDT, 2003, p.82).

Em sua *laudatio* a Karl Jaspers, Arendt identifica três dimensões da comunicação na própria vida e obra de seu antigo professor. Segundo ela, Jaspers leva em conta “intimamente o pensamento dos outros”, o que faz dele um verdadeiro praticante da mentalidade alargada aos moldes de Kant (ARENDDT, 2003, p.73). Neste sentido, Jaspers se comunica dentro da esfera privada no seu casamento com Gertrud Mayer, comunica-se publicamente quando se torna uma figura pública entre as controvérsias político-acadêmicas do período do nacional-socialismo e pós-guerra e se comunica com a tradição de grandes mestres que legaram os pensamentos do passado. Com este movimento, Jaspers reforça um conceito de comunicação que extrapola o espaço e se estende pelo tempo. Importa observar neste sentido, a tese de Gleichauf, que reforça a diferença entre Arendt e Jaspers no que diz respeito à comunicação: enquanto para Arendt a comunicação se dá no âmbito do espaço, já que leva em conta as esferas públicas e privadas, mas sobretudo o aparecimento na esfera pública, para Jaspers, o eixo é temporal. Isso, em parte, é confirmado quando consideramos a tese da era axial e a comunicação que rompe barreiras espaciais ou a comunicação com a tradição, que faz o mesmo. Por outro lado, a filosofia da comunicação de Jaspers é, inevitavelmente concreta, porque é existencial e os dois âmbitos – espaço e tempo – não podem ser completamente dissociados.

De toda forma, na tentativa de extrapolar o âmbito espacial para além da Europa, Arendt encontra em Jaspers uma espécie de figura exemplar *a la* Kant porque desenvolve um senso de cosmopolitismo, que está diretamente ligado à ideia de comunicação. Não parece à toa, então, que nas sua *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, de onde poderia se extrair também lições sobre o julgar, que a comunicação aparece como critério de validação para o *sensus communis*, o senso comunitário. O sentido comunitário, que é sempre ligada a uma comunidade específica, pode se expandir quando se considera que somos todos habitantes de “uma comunidade mundial pelo simples fato de sermos humanos; essa é a nossa ‘existência cosmopolita’” (ARENDDT, 1994, p.76). A Filosofia da

História de Jaspers não figura apenas como uma investigação sobre o passado, sua filosofia é, como afirma Arendt *ancilla vitae* e, neste sentido, o cosmopolitismo inerente à sua concepção de história universal é uma forma de embate com o nacionalismo exacerbado do seu tempo e toda tendência relacionada a particularismos culturais dogmáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A MAIÊUTICA SOCRÁTICA E A COMUNICAÇÃO PEDAGÓGICA EM JASPERS

Quando Jaspers lecionava para Arendt na Universidade de Heidelberg, a troca epistolar era sugerida por ele como forma de interação mais profícua. A carta que inaugura a troca em 15 de julho 1926, marca o início de uma amizade de ordem pedagógica à época, ainda revestida de um tom formal, mas com o movimento típico jasperiano de comunicar-se. Como bem observa Gleichauf, o tema da primeira carta é, em última instância, a comunicação. Nela, Arendt trata sobre uma possível interpretação filosófica da história e, para tanto, utiliza o verbo significar (*deuten*). Jaspers responde afirmando que neste caso não se trata de dar significado ou significar, mas se trata, antes, de comunicar (GLEICHAUF, 2021, p.25). A dimensão da comunicação em Jaspers não se revelaria apenas no que diz respeito a uma interpretação filosófica da história, mas está diretamente na relação estabelecida com os seus alunos na universidade, grupo do qual Arendt fazia parte. Em seu escrito sobre a educação (*Was ist Erziehung: Ein Lesebuch*), a comunicação no âmbito universitário ganha lugar. Nele existem duas formas de comunicação: uma que é uma disputação mais aos moldes escolásticos da *disputatio* e demonstráveis sob o ponto de vista da lógica; e outra aos moldes da discussão, na qual não “há princípios últimos e nenhum ponto de vista fixo até a vitória” (1981, p.217). Trata-se de uma comunicação espiritual porque, ainda que científica, se encontra no âmbito da efetiva comunicação com o outro. Esta forma de comunicação é, em parte, regida pelos elementos de uma maiêutica socrática, como assinala o próprio Jaspers: “No final, essa comunicação só pode ser do tipo socrática, que questiona de forma combativa para que as pessoas possam entender a si mesmas e umas às outras” (1981, p.216)¹².

Em seu texto a respeito da Filosofia da *Existenz*, Arendt retoma a ideia de comunicação como central para a filosofia de Jaspers, já que “a comunicação é a forma extraordinária da inteligência filosófica” (ARENDDT, 1993, p.33). Acentua também seu caráter socrático, na medida em que Jaspers o adota enquanto método, “mas despe-o de seu caráter pedagógico” – o que, neste contexto, pode parecer uma afirmação contraditória, mas com isso, Arendt apenas afirma que tanto Sócrates quanto Jaspers estão entre seus pares e se movimentam entre eles, não se investindo da couraça do autoritarismo. Além de uma comunicação pautada filosoficamente nas teorias de Jaspers, a comunicação se dava no âmbito da existência da sua relação com Arendt e se revelava na língua compartilhada entre ambos e na tradição com a qual ambos lidavam de forma tão singular, o

¹² Recordo aqui também da observação de Ferdinand Röhr sobre a comunicação em Jaspers: “essa comunicação amorosa pode tornar-se uma luta amorosa (*liebender Kampf*), em que duas pessoas lutam para que se tornem mais autênticas consigo” (2013, p.52)

que também compõe um elemento fundamental na teoria da ação para Arendt na teoria da comunicação para Jaspers. Pela comunicação havia, sobretudo, um mundo compartilhado.

Arendt não poderia despir Jaspers de seu papel pedagógico por excelência, já que para ela, conforme aparece na despedida da carta de 28 de maio de 1948, precisamente por ser um filósofo, Jaspers era o “maior educador de todos os tempos” (ARENDDT, 1995, p.174), ainda que na carta de 16 de julho do mesmo ano, ela afirme que sua afirmação deve ser levada meio à sério e meio como uma brincadeira e comemorou o fato de Jaspers ter se desvinculado da comissão pedagógica da qual fazia parte. A educação, para Arendt, não passa pelo ensino da pedagogia, já que “ela própria não podia ser ensinada como disciplina” (ARENDDT, 1995, p.176). Não se trata de uma questão meramente formal, mas formativa. Para Arendt, Jaspers é um educador no sentido lato da palavra e parece ganhar outros contornos relacionados, como se sabe, ao próprio *amor mundi*. As ressonâncias ativas do conceito de comunicação de Jaspers nas obras de Arendt são, portanto, elas mesmas resultado de uma comunicação formativa que extrapola os âmbitos do ensino universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ARENDDT, Hannah; JASPERS, Karl. *Correspondance 1926-1969*. Paris: Payot & Rivages, 1995.
- ARENDDT, Hannah. *Lições sobre Filosofia Política de Kant*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: pensar, querer e julgar*. Trad.: César A. de Almeida, Antônio Abranches, Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ASSMANN, Jan. *Absenzeit: eine Archäologie der Moderne*. C.H. Beck, 2018.
- GLEICHAUF, Ingeborg. *Hannah Arendt und Karl Jaspers: Geschichte einer einzigartigen Freundschaft*. Böhlau: Böhlau Verlag, 2021.
- HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.
- JASPERS, Karl. *Existenzerhellung*. Berlim/Heidelberg: Springer, 1932.
- JASPERS, Karl. *Origen y meta de la Historia*. Barcelona: Acantilado, 2017.
- NUNES, Igor V. B. “In-Between” – o mundo comum entre Hannah Arendt e Karl Jaspers: da existência política ao exemplo moral. Campinas, 2018 (Tese de doutorado).
- RÖHR, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.
- YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.